

MARTIUS E AS ORÉADES: UM OLHAR SOBRE O CENTRO-OESTE BRASILEIRO

Fabíula Sevilha de Souza

Pesquisadora integrante do Laboratório de História e Meio Ambiente – UNESP/Assis e do Grupo de Pesquisa “Cidades Sustentáveis: história e política”, cadastrado junto ao CNPq <fsevilhas@yahoo.com.br>

INTRODUÇÃO

O Novo Mundo, com sua natureza “exuberante”, “exótica” e desconhecida, foi o destino escolhido por inúmeras expedições científicas entre fins do século XVIII e ao longo do século XIX. No caso do Centro Oeste brasileiro, as condições geográficas e os constantes ataques indígenas dificultaram o acesso dos viajantes, o que não impediu que a região fosse percorrida por nomes de relevo, dentre os quais Carl Friedrich Philipp von Martius, objeto desta exposição.

Martius nasceu em Erlanger, na Baviera, em 17 de abril de 1794. Formado em Medicina, não demorou para que seu interesse pela botânica afluísse, sobretudo pelo contato que estabeleceu com Johann Baptiste von Spix. Ingressando na Real Academia de Ciências de Munique como assistente de Franz P. Von Schrank, foi incumbido da tarefa de pesquisar a flora brasileira, o cultivo e o emprego das plantas nativas, além da coleta de dados relativos aos demais ramos das ciências naturais e também da “ciência humana”. Assim, integrou juntamente com Spix a comitiva científica da Missão Austríaca, que desembarcou no Rio de Janeiro em 1817, por ocasião da vinda da Arquiduquesa Leopoldina para o seu casamento com o príncipe-herdeiro D. Pedro I.

Ao longo de três anos, percorreu boa parte do que hoje denominamos como território brasileiro, coletando e catalogando milhares de espécies vegetais, minerais e animais, e anotando informações sobre hábitos e costumes dos lugares por onde passava. A compilação destes dados resultou em obras referenciais como a Viagem pelo Brasil, da qual Spix foi co-autor, e a monumental Flora Brasiliensis. Os resultados de sua viagem legaram uma contribuição inquestionável para o meio científico. Foi pioneiro no reconhecimento,

denominação e mapeamento de nossos domínios fitogeográficos, distinguindo cinco províncias, às quais, em alusão à Mitologia Grega, deu nomes de ninfas: as Hamadriades, flora do Nordeste; as Náíades, da região amazônica; as Dríades, da região de Mata Atlântica; as Napéias, da região subtropical; e as Oréades, ninfas dos campos e planaltos, correspondente à flora do Centro-Oeste.

As suas impressões sobre as Oréades constituem, pois, o objeto desta exposição, e devem ser compreendidas em dois níveis que se entrecruzam. Primeiramente, a partir do fato de que as paisagens, as plantas e os animais descritos e retratados são uma [re]leitura, ou seja, um processo em que se interpenetram formas de ver, sentir e pensar a natureza, e no qual devem ser levados em conta a interferência da finalidade política do conhecimento científico, dos parâmetros culturais e mesmo as sensibilidades físicas e emocionais.

Em segundo lugar, pelo cruzamento entre texto e imagem. As primeiras edições de suas obras são ricamente ilustradas. No entanto, grande parte das iconografias que chegaram até nós pelas obras de Martius foram feitas não por ele, mas por artistas com preocupações estético-científicas, a partir dos seus esboços e descrições. Em outras palavras, foram leituras de [re]leituras, se assim podemos chamar, feitas por litógrafos, desenhistas e pintores, pois muitos deles jamais chegaram a ver aquilo que reproduziam.

Mutatis mutandis, Carl Friedrich Philipp von Martius é representativo do nascente espírito científico da época, para o qual a natureza torna-se passível de ser investigada e ordenada. Não obstante, os reflexos de seu trabalho ultrapassam o momento em que escreve, fazendo-se presentes ainda hoje.

LUZES, CIÊNCIAS, NATUREZA E VIAGENS: O “REDESCOBRIMENTO DO BRASIL”

A virada do século XVII para o XVIII trouxe consigo uma gama de elementos que mudou a forma com que o homem enxergava a si próprio, o outro e o mundo. Ampliou-se a noção de espaço e alteridade, com o desenvolvimento das ciências

naturais e mecânicas, e com a Europa em contato crescente com a América, Índia, África e Ásia. Tais transformações têm raízes na Renascença e nas Grandes Navegações, mas somente no século XVIII reuniram-se as condições necessárias para colocar o saber científico em um novo patamar. A partir de então, temos a sua sistematização e institucionalização, enquanto condição sine qua non na legitimação simbólica e soberania dos nascentes Estados nacionais.

Assim, no bojo do século das Luzes emerge uma nova concepção de ciência, acompanhada da retórica utilitarista e dos ideais de uma natureza dessacralizada, isto é, “um espaço aberto para pesquisas de todo o tipo, que a dissequem, expliquem, diferenciem, classifiquem”¹. Concebe-la enquanto lugar neutro, destituído dos sacramentos divinos, é bom frisar, abria caminho para que os homens se sentissem cada vez mais proprietários do espaço natural, despertando a vontade de conhece-lo e domina-lo. Paralelamente, fundamentou-se a idéia de um sujeito em movimento, segundo a qual era impossível conceber um sábio que nunca tivesse viajado e visto o mundo com os seus próprios olhos².

Na órbita desta apropriação científica da natureza e da exaltação do cientista como homem prático e de ação³, o Novo Mundo, com sua natureza “exuberante”, “exótica” e desconhecida, aparece como locus privilegiado para a escrita de um outro capítulo da História Natural. Inúmeras expedições científicas aportaram no continente americano com o objetivo de realizar levantamentos e coletas de espécies da fauna e da flora, classificadas, catalogadas e remetidas para os grandes herbários e Museus de História Natural da Europa. Podiam ter o caráter de empreitada individual, como a do francês Auguste Saint-Hilaire, ou ser financiadas pelos governos, como a Expedição Langsdorff e a Austríaca.

O desenvolvimento das técnicas industriais implementadas na Europa colocava a necessidade de maximizar os rendimentos dos produtos vegetais e

¹ LAHUERTA, Flora Medeiros. **Viajantes e a construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822)**. Scripta Nova (Barcelona), V. X, 2006.

² *Ibidem*

³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A Interiorização da Metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005

animais conhecidos e acessíveis aos europeus, bem como aumentar os mercados e as matérias-primas, de modo que, no decorrer do Oitocentos, as viagens científicas se avolumaram e assumiram uma função mais específica, fundamental no projeto expansionista e imperialista, na acumulação de capitais e na administração dos Estados nacionais.

Entre os anos de 1799 e 1804, Alexander von Humboldt, um dos mais célebres naturalistas de seu tempo, percorreu a América do Sul em uma viagem exploratória, cujos resultados foram responsáveis por uma reinvenção ideológica da América e introduziram um novo tipo de discurso sobre a natureza na literatura de viagens, não mais como uma natureza “acessível, coletável, reconhecível, categorizável dos lineanos, mas como uma natureza dramática, extraordinária, um espetáculo capaz de ultrapassar o conhecimento e a inteligência humana”⁴.

É elucidativo remeter a um ou outro aspecto de sua viagem na tentativa de contextualização das expedições científicas ao chamado Novo Mundo no Oitocentos. Particular interesse deve nos despertar pelo fato de Humboldt ter revolucionado o discurso sobre o mundo natural dos trópicos e influenciado toda uma geração de naturalistas do século XIX, sem nunca ter logrado permissão para permanecer no Brasil, pois a administração real portuguesa temia tratar-se de um espião alemão. Em verdade, até fins do século XVIII, o território brasileiro era tido como um segredo estratégico para a Coroa Portuguesa, e esta mantinha restrito os assuntos relativos ao Brasil e às suas riquezas naturais para não suscitar o interesse de outras nações.

A partir de 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa e a Abertura dos Portos às Nações Amigas, que estabelecia o livre acesso ao Brasil,

inaugura-se um verdadeiro ciclo de viagens e expedições científicas, à testa das quais especialistas eminentes de várias partes do mundo põem seu saber a serviço do conhecimento da flora, da fauna, da geografia, da

⁴ PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999, p. 212

geologia, da paleontologia e da etnologia dessa porção do Novo Continente⁵.

O reconhecimento científico do território compunha a política do Reformismo Ilustrado luso-brasileiro que vinha sendo articulada desde fins do século XVIII. Ante a grave crise econômica por que passava o Reino Português, o pensamento iluminista nascente ganha terreno fértil entre os intelectuais, desencadeando um movimento precoce de reformas no intuito de reverter esse quadro crítico e adaptar-se a nova ordem. De caráter marcadamente moderado e peculiar, o Reformismo Ilustrado luso-brasileiro baseou-se num verdadeiro levantamento das riquezas e possibilidades do reino e da colônia⁶. É a partir deste prisma, de intrínseca ligação entre política e negócios na exploração do mundo natural, que devemos encarar a abertura do território brasileiro a cientistas estrangeiros.

Viajantes ingleses como Henrique Koster, John Luccock, Maria Graham e John Mawe, franceses como Jean Baptiste Debret, Nicolas-Antoine Taunay e Grandjean de Montigny, alemães como o Barão von Eschwege e Georg Heinrich von Langsdorff, e, inclusive, luso-brasileiros como Alexandre Rodrigues Ferreira, embrenharam-se pelos mais distantes caminhos do Brasil. Se comparado às zonas litorâneas e imediações – São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo – certamente a região Centro-Oeste foi alçada por uma quantidade menor de expedições científicas. Ainda assim, ao longo do século XIX, nomes como o de John Emmanuel Pohl, Auguste de Saint-Hilaire e von Martius percorreram-na realizando levantamentos de seus recursos naturais.

Neste movimento a que Sérgio Buarque de Holanda chamou “redescobrimto do Brasil”, esses homens de ciência “esquadrinharam” e “dissecaram” a natureza brasileira, registrando-a em descrições minuciosas que não só ampliaram o leque de conhecimentos sobre os recursos naturais disponíveis nesta parte dos trópicos, como “formaram uma imagem de Brasil”,

⁵ OBERACKER, Carlos. “Viajantes, Naturalistas e Artistas Estrangeiros”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org). **História Geral da Civilização Brasileira**. T. II, V. 1. São Paulo: Difel, 1962, p. 119

⁶ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Op. Cit.*, p.49

imagem de opulência e riqueza que, vale dizer, persiste na memória coletiva e nos discursos políticos e ambientalistas contemporâneos. A expedição da qual Martius fez parte insere-se neste contexto.

A MISSÃO AUSTRÍACA

A Missão Austríaca foi uma empreitada nascida da conjunção de dois projetos de expedição científica ao Novo Mundo, embora com outro itinerário: a do rei Maximiliano José I, da Baviera, e a do Museu de História Natural de Viena, sob a encomenda e os auspícios do Imperador Francisco I da Áustria. Após alguns atrasos, a oportunidade veio quando da viagem ao Brasil da Arquiduquesa Leopoldina da Áustria para o seu casamento com o Príncipe-Regente D. Pedro I.

Os encarregados de dirigir a expedição foram o zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friedrich Philipp von Martius, aos quais se juntaram o Prof. Mikan, de Praga, para Botânica e Entomologia, o médico John E. Pohl para Mineralogia e Botânica, o assistente do Museu de História Natural Natterer para Zoologia, Thomas Ender para a pintura de paisagens, Frick para pintura de animais, Buchberger para a pintura de plantas, H. Schott, filho do inspetor do Jardim da Universidade, para jardineiro, além de um caçador e um mineiro.

A missão tinha a botânica e a zoologia como objetivos principais – os estudos de matérias animais e vegetais deveriam comprovar a utilidade para as artes e indústrias –, mas aos seus integrantes competia atentar para tudo o que pudesse ser de interesse para os diversos ramos da Ciência, o que incluíam estudos de mineralogia, física, química, filosofia, história e filologia. Como prova das observações feitas por esses “investigadores”, a expedição pressupunha, ainda, a remessa de exemplares dos produtos naturais de todos os reinos – e, de fato, formaram-se grandes coleções a partir das amostras enviadas ao Museu de História Natural e o Museu Brasileiro de Viena.

De acordo com Spix e Martius, o Rei da Baviera solicitou a organização da viagem por acreditar nas vantagens que esta traria para as ciências e para a

humanidade. O espírito que guiaria a expedição é filantrópico, sendo a filantropia entendida aqui como:

uma virtude natural do ser humano, que é o amor por seu próximo. É em nome do progresso e do bem da humanidade que se dá a expansão colonialista do século XIX. Os viajantes europeus que visitam os países ditos selvagens ou menos civilizados, como é o caso do Brasil, sentem-se portadores de uma espécie de missão. Sentem-se como irmãos mais velhos dos outros povos, a quem devem ajudar e aconselhar. Para eles, seus interesses são os interesses da humanidade inteira⁷.

A idéia era percorrer as regiões inexploradas por outros viajantes, para o que elaboraram um roteiro que previa chegar até o extremo norte do Brasil, cruzando o interior do país. Diante do atraso da esquadra da Arquiduquesa, que trazia os demais naturalistas, Spix e Martius optaram por iniciar a expedição por conta própria, separando-se dos austríacos, em janeiro de 1818⁸.

Os dois naturalistas bávaros partiram do Rio de Janeiro, passando por São Paulo rumo a Minas Gerais, onde visitaram a região de Vila Rica e o Distrito Diamantino. Na direção norte, transpuseram as margens do rio São Francisco chegando até o vão Paranã, na fronteira da província de Goiás. Daí cruzaram a Bahia, retornando ao litoral. De Salvador, numa segunda etapa da viagem, seguiram para o noroeste, atravessando as províncias de Pernambuco, Piauí e Maranhão. Navegando rumo a Belém, alcançaram a bacia do Amazonas, nas imediações dos rios Amazonas, Solimões, Negro e Japurá, e dos atuais do Peru e Colômbia, voltando a Belém, em abril de 1820, de onde partiram para a Europa⁹. Spix faleceu em 1826, participando apenas do primeiro dos três volumes de *Reise in Brasilien*. Os outros dois foram redigidos por Martius.

⁷ KURY, Lorelai. "Viajantes e Naturalistas do Século XIX". In: PEREIRA, Paulo Roberto (Org). **Brasiliana da Biblioteca Nacional: Guia de Fontes sobre o Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Nova Fronteira, 2001, p.66

⁸ Sobre a Missão Austríaca consultar: RAMIREZ, Ezekiel Stanley. **As relações entre a Áustria e o Brasil (1815-1889)**. São Pauli: CEN, 1968, p. 130; e LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1997.

⁹ LISBOA, Karen Macknow. *Op. Cit.*

AS ORÉADES SEGUNDO MARTIUS: FORMAS DE VER, SENTIR E PENSAR A NATUREZA

As primeiras expedições de reconhecimento do interior do Brasil somente ocorreram por volta dos séculos XVI e XVII, por sertanistas vindos de São Paulo e, ainda assim, deixando poucos testemunhos. Desta forma, é pela ótica dos viajantes que se embrenharam pelos vastos sertões do território brasileiro que as riquezas do que hoje conhecemos como Cerrado foram apresentadas e catalogadas. Ao utilizarmos esses relatos como fonte, é preciso ter em conta que “há sempre uma comparação implícita do Brasil com o que no século XIX chamava-se de ‘países civilizados’”.¹⁰ O parâmetro de análise é pautado, portanto, na idealização do modelo europeu.

Carl Friedrich Philipp von Martius talvez tenha sido o primeiro viajante-naturalista a notar a diversidade dos tipos de vegetação do território brasileiro. Afastou-se de uma concepção que via a natureza americana como algo inferior, difundida sobretudo por Buffon, aproximando-se antes de Alexander von Humboldt. O *Quadro da Natureza* humboldtiano é o parâmetro metodológico de Martius. As comparações percorrem todo o livro *Viagem pelo Brasil*, ora com o continente europeu, ora com outras regiões do território luso-brasileiro. Esta conduta permitiu-lhe reconhecer e mapear nossos domínios fitogeográficos a partir da distinção de cinco províncias, denominadas em alusão à Mitologia Grega: as *Hamadriades*, as *Náiades*, as *Dríades*, as *Napéias* e as *Oréades*.

Sua viagem começa no Rio de Janeiro. Martius surpreende-se por não encontrar uma natureza inteiramente rude, violenta e invicta. Para as descrições da paisagem natural com a qual logo se deparou utiliza adjetivos como “colossais”, “jardim paradisíaco”, “exuberância”, “magnificência”, “audaciosos”, “imponentes” e “majestosas”. Demonstra verdadeira fixação pelo verde da “selva” e profundo encantamento, como no trecho em que afirma que “todos se deleitavam na

¹⁰ KURY, Lorelai. *Op. Cit.*, p. 59

contemplação do país, cuja doçura, cuja variedade encantadora e cujo esplendor superam muito todas as belezas naturais, que jamais havíamos visto”¹¹.

O impacto inicial com esse desconhecido acaba por confirmar as “exuberâncias” tropicais de que teve notícias pelos escritos de Humboldt, e por formar uma idéia do que seria a natureza brasileira. De uma forma ou de outra, embora respeitando as peculiaridades de cada região, estas primeiras impressões acabaram implicitamente presentes quando de sua descrição de outros ambientes.

Ao enfocarmos os relatos que Martius faz da natureza do Centro-Oeste no livro *Viagem pelo Brasil* trabalhamos com a ausência. As suas descrições são resumidas e bastante pontuais e em nada lembram as inúmeras linhas dedicadas ao Rio de Janeiro. Duas parecem ser as razões para isto. Uma é o fato de não ter se aprofundado nos estudos sobre Goiás porque não obteve a tempo as recomendações oficiais que lhe garantiriam acesso à província. A outra é a constatação da semelhança entre as formações vegetais desta região e a do norte de Minas Gerais, ambas de Cerrado, de onde partiu rumo ao Vão Paranã para alcançar a fronteira com Goiás – e que, portanto, já haviam sido descritas e classificadas. Uma descrição mais detalhada das *Oréades*, porém, é encontrada em outro texto de sua autoria, o *Fisionomia do Reino Vegetal no Brasil*¹², ao qual recorreremos de maneira complementar.

Já no início, e isso se repete em vários momentos, surge a tônica da natureza intocada, desconhecida, e a exaltação da mata “virgem” e “imaculada”:

Na solidão da viagem, entregando-me a estas considerações, despertou o voto para que já, sem demora, se iniciem estas investigações na terra fecunda, antes que a mão destruidora e transformadora do homem tenha obstruído ou desviado o curso da natureza. Só por poucos séculos ainda

¹¹ SPIX & MARTIUS. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, Vol. II, 1976, p. 37

¹² MARTIUS, Carl F. Ph. von. Arquivos do Museu Paraense, v. 3, 1943. Também publicado em 1951 pelo Boletim Geográfico. Tradução do original *Die Physiognomie des Pflanzenreiches in Brasilien*.

disporá a ciência de completa liberdade de ação para este fim, e os subseqüentes investigadores não mais obterão os fatos na sua pureza das mãos da natureza, que já hoje, pela atividade civilizadora deste país em vigoroso progresso, está sendo transformada em muitos respeitos¹³.

Um dos aspectos que mais lhe chamava a atenção era a questão do clima. O do Cerrado goiano – com temperaturas elevadas na maior parte do ano, dias quentes, noites geladas, inverno seco, má distribuição de chuvas e secas prolongadas – destoava sobremaneira daquele a que o europeu estava habituado. As queixas e as referências ao “calor infernal” e “fora do comum” são freqüentes, a exemplo da passagem em que afirma que o calor

Era insuportável (à sombra 28º a 30ºR), e ainda se tornava mais sensível pela mudança de aragens mais frescas, ou pela completa parada do ar, nos lugares mais baixos. Aqui e acolá a reverberação do calor ardente das areias da charneca produzia oscilação constante da atmosfera, de sorte que todos os objetos pareciam dançar diante de nós¹⁴

A sensação térmica elevada era agravada pelos incêndios que Martius presenciou ao longo da viagem, razão de incômodo e angústia confessos. É interessante notar a freqüência com que o tema das “queimadas” emerge. O elemento fogo, que hoje sabemos ser intrínseco e fundamental na estruturação de algumas paisagens do Cerrado, não aparece como algo natural, e sim como fruto da ação do homem:

Exceção feita dos vales chatos transversais, em que predominavam campinas e buritizais, ela [a Chapada do Paranã] é coberta totalmente com arbustos espessos em parte sem folhas durante a seca, que quase todos os anos são vítimas de fogo, posto pelos sertanejos. Justamente agora haviam se propagado essas queimadas numa extensão enorme, e nós éramos obrigados mais de uma vez a deixar o caminho, ou a passar apressadamente por entre trechos incendiados. Vento violento de nordeste levantava a poeira finíssima de carvão nos lugares queimados em enormes colunas, as quais moviam-se lentas e ameaçadoras em

¹³ SPIX & MARTIUS, *Op. Cit.*, p. 92

¹⁴ *Idem*, p.96

torno de nós; às vezes, cessando o vento, caíam como chuva negra, e escureciam o horizonte, no qual o sol poente parecia um grande raio ¹⁵

A hidrografia da região também recebe destaque. Martius não deixou de frisar os “perigos” que a navegação do Rio Tocantins oferecia por suas numerosas “itaipavas”, “corredeiras” e “quedas”, mas os rios são apresentados como um facilitador, em especial para incremento do comércio e “indústria”. Além disso, assegurava a disponibilidade de água a esses viajantes, o que, via de regra, era uma preocupação para muitos deles.

A maioria dos animais encontrados durante o percurso foi descrita como “selvagem”. Martius expressa em alguns trechos a apreensão pelos “grandes jacarés”, esses “temíveis sáurios” e pelas “cobras grandes”. O exotismo de muitas espécies impressionava tanto quanto os perigos que elas poderiam representar:

(...) vêem-se aqui e acolá grupos cerrados de palmeira-indaiá (*Attalea compta*). Elas formavam as primeiras matas de palmeiras a cuja sombra nos atrevíamos a passear a pé, em seco, e seguros de não toparmos com cobras gigantes nem jacarés. Os grandes cocos ricos de um óleo puro e gorduroso dessa palmeira [a Indaiá] fazem-na o pouso preferido das grandes araras-azuis (*Ara hyacinthinus* Lath.), que voavam aos pares freqüentemente acima de nossas cabeças. Tanto encanta a bela plumagem dessas aves, quanto doem nos ouvidos mesmo os mais insensíveis os seus guinchos roucos penetrantes, e certamente, se elas fossem conhecidas na Antiguidade, seriam tidas como portadoras de desgraça dos piores agouros¹⁶.

A descrição da paisagem aparece de maneira ambígua e interliga-se com a própria percepção da natureza. Expressões adjetivas, como “natureza majestosa”, disputam espaço com “extensões áridas” e “deserto”. O estranhamento com relação às variações geomorfológicas é latente e divide espaço com o deslumbramento, entendidas como ocasião em que

¹⁵ SPIX & MARTIUS, *Op. Cit.*, p. 96

¹⁶ *Idem*, p.93

a natureza escultora demonstra, por assim dizer, as formas e proporções mais nobres na construção das colunas vegetais, ora cortando as vargens e prosseguindo pelos morros, cobertos de arvoredos de tabuleiros, espalhado, baixo, de galhos retorcidos. Muitas gramíneas diversas, Acácias de delicadas folhas bipenadas, Murtas, Cássias como a esquisita forma de sua folhagem, e flagrantemente Labiadas, são aqui abundantes, como as mais variadas aves e as mais diversas espécies de formigas que constroem suas casas engenhosas de barro e de terra (...) ¹⁷

Na comparação feita com as matas litorâneas, a vegetação do Cerrado aparece “menos exuberante”. As árvores de galho retorcido, o aspecto “árido” e “agreste”, a ausência de flores e os solos “arenosos”, não causam num espírito de formação cultural moldada pelo Romantismo Alemão a mesma sensação de deleite estético e emocional que uma natureza verdejante. Nos dizeres de Martius, nem mesmo as palmeiras, pelas quais nutria profundo interesse ¹⁸, “conseguiram interromper a monotonia desta região”. Se chama a atenção os inúmeros tipos de vegetação, esta causa o sentimento de monotonia pelas grandes extensões de terra que apresentam a mesma coloração “cinza”.

A diversidade de paisagens nem sempre foi apreendida de maneira positiva. A imensidão do território, reforçada por seus planaltos e planícies alongadas, que lhe davam uma aparência ainda mais ampla, era entendida como um complicador. Percorrendo a lombo de burros, por terrenos “íngremes” e “acidentados”, terras “montanhosas” e “vãos abruptos”, a marcha era penosa, exigindo um esforço físico que interferia, não raro negativamente, na percepção do ambiente.

Há que se considerar a profusão de sentidos, as formas de ver, pensar e sentir a natureza, dispostas num mosaico de sentimentos que se confundem na leitura desse ambiente. A “melancolia” e a “solidão” da viagem a que Martius faz menção devem ser contextualizadas, tanto em termos de sua formação intelectual quanto dos próprios objetivos de sua estada no Brasil. A um botânico instruído nos

¹⁷ SPIX & MARTIUS, *Op. Cit.*, p. 95

¹⁸ Martius foi considerado o “pai das palmeiras”. Estudou-as com bastante afinco na célebre *Historia Naturalis Palmarum*, publicada em três volumes entre 1823 e 1853

moldes da ilustração européia, expoente de “uma ciência prática”, interessava antes a variedade de espécies a andar por extensos caminhos descampados e “desertos”, e “solitárias” paragens, o que torna compreensível a transferência de suas próprias inquietações quando da qualificação do cenário que descreve e a aparente contradição em algumas passagens.

Isto não impediu, porém, que Martius apreciasse as “belezas” das *Oréades*, como podemos notar nos trechos abaixo:

é indescritível o encanto desta região [do Ribeirão dos Bois], onde frescos bosques alternam com extensas campinas cheias de claras fontes e de grupos de majestosas palmeiras buriti¹⁹.

Este rio [o Formoso], chamado belo, bem merece tal epíteto, pois os seus arredores parecem um jardim extenso, no qual a natureza reuniu tudo o que a imaginação de um poeta escolheria para morada das ninas ou de fadas. Grupos de palmeiras e moitas floridas estão disseminadas na campina viçosa, pela qual flui o rio, em muitas curvas, ora mais rápido, ora mais vagaroso (...).

As especificidades de cada região pela qual passou eram compreendidas mediante o estudo de sua fisionomia. Novamente, são os *Quadros da Natureza* humboldtianos que emergem como baliza. Uma das principais preocupações de Martius era a elaboração de esboços das plantas que classificava e da diversidade botânica e zoológica encontradas ao longo do trajeto. Devemos a esse cuidado as imagens das *Oréades* que chegaram até nós por intermédio de suas obras. Grande parte delas traz as plantas em dimensões variadas e ampliadas, com detalhes e anotações sobre sua estrutura. Há ainda paisagens, como a da Serra do Maranhão.

Nem todos os registros são de sua autoria. Algumas litografias foram feitas com base em seus desenhos por artistas que o acompanharam na viagem, outras a partir das descrições de Martius por artistas jamais lograram conhecer aquilo

¹⁹ SPIX & MARTIUS, *Op. Cit.*, p. 95

que reproduziram. A aquarela da Serra do Maranhão é um exemplo disso. Ela é atribuída a Thomas Ender, que, no entanto, nunca esteve em Goiás ou Mato Grosso. Outro ponto interessante a esse respeito foi estudado por Heitor de Assis Jr., segundo o qual

um ponto comum em todas as pranchas fisionômicas é a adequação posterior de espécies em cada ambiente. No caso das aquarelas de Thomas Ender observa-se que von Martius inseriu nas pinturas as plantas com detalhes de estruturas como flores, frutas e árvores, respeitando suas características botânicas e permitindo a identificação²⁰.

Na esteira da botânica de Lineu – cuja proposta era agrupar taxonomicamente os organismos dos três reinos consonante suas características –, a representação iconográfica assume papel importante, na medida em que participa das formas de organização do conhecimento científico.

Faz-se necessário sublinhar que as percepções das variações e diferenças de um ambiente para outro ultrapassam a mera descrição física e mecanicista. Trata-se de outro tipo de observação, como explica Willi Bole, em que os viajantes “mostram a paisagem como produtora de singulares fenômenos de percepção, antecipando não apenas o paradigma mesológico, mas já também a combinação da história topográfica, econômica e das mentalidades”²¹.

Por influência de Humbolt e do poeta alemão Johann Wolfgang Goethe – que concebia a natureza como uma totalidade orgânica e viva, fonte de prazer posto que conectada ao mundo espiritual –, Martius recorre à sensibilidade para conseguir transmitir ao leitor “o prazer que a mente sensível recebe da contemplação imediata da natureza”²², esforçando-se por transportá-lo para aquele *locus* narrado.

²⁰ ASSIS JÚNIOR, Heitor de. **Relações de von Martius com imagens naturalísticas e artísticas do séc. XIX**. (Dissertação de Mestrado) – Campinas: Unicamp, IFCH, 2004, p. 11.

²¹ BOLE, Willi. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas. Cidades; Ed. 34, 2004, p. 73

²² *Apud* LISBOA, Karen Macknow. *Op. Cit.*, p. 40.

As tentações ficcionais a que os sentidos poderiam levar são afastadas pela descrição precisa. O compromisso com a veracidade das informações era item primordial do pensamento Racional Ilustrado e da bagagem deste naturalista bávaro. Neste sentido, a Arte vem ao auxílio da Ciência. Na forma de desenho ou pintura, o cientista lançava mão deste recurso representar a natureza com uma precisão que somente o registro visual pode garantir²³.

A idéia de natureza no geral e, especificamente de *Oréades*, presente em Martius somente ganha sentido quando levamos em conta sua filiação aos pensamentos de Humboldt e Goethe e aos ideais do projeto da Ilustração européia. Se por vezes o estranhamento frente ao desconhecido mesclava-se com a “opulência” da fauna e flora e, no imaginário desse viajante, a natureza assumia feições pitorescas e hiperbólicas, importa ressaltar que Martius esteve à frente de seu tempo. Perspicaz, conseguiu apreender que as *Oréades*, ou o Cerrado para utilizar um termo atual, constituía um ambiente diferenciado, com formações geomorfológicas e espécies botânicas e zoológicas próprias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição das obras de Carl Friedrich von Martius transcendem o momento em que viveu. Milhares de espécies de plantas foram catalogadas e classificadas durante sua excursão pelo país. As proporções desse inventário da flora brasileira impressionam: são quase 23 mil espécies acompanhadas de cerca de 4 mil ilustrações pormenorizadas, o que corresponde a 50% do total de plantas atualmente conhecidas. Hoje, esse rico acervo está disponível *on line*, permitindo que pesquisadores de todo o mundo tenham acesso a ele.

As impressões e os registros iconográficos de Martius sobre as *Oréades* colocam-na numa perspectiva temporal extensa, possibilitam não apenas conhecer, mas localizar espacialmente as espécies. Cruzando as informações dos textos e das ilustrações deste naturalista bávaro com dados de pesquisas

²³ BELUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes**. V.2: Um Lugar no Universo. Fundação Odebrecht. São Paulo. Metalivros. 1994.

recentes, pode-se ampliar a compreensão acerca dos impactos sofridos por este bioma ao longo de sua ocupação e exploração. Este caminho é condição *sine qua non* para uma conscientização sobre a diversidade e necessidade de preservação do que hoje denominamos como domínio biogeográfico dos Cerrados, bem como para o incremento de uma postura crítica acerca da interação entre sociedade e natureza no Brasil.

FONTES

MARTIUS, Carl F. Ph. von. **Fisionomia do Reino Vegetal no Brasil**. Arquivos do Museu Paraense, v. 3, 1943.

SPIX & MARTIUS. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp., Vol. II, 1976.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS JÚNIOR, Heitor de. **Relações de von Martius com imagens naturalísticas e artísticas do séc. XIX**. (Dissertação de Mestrado) – Campinas: Unicamp, IFCH, 2004.

BELUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes**. V.2: Um Lugar no Universo. Fundação Odebrecht. São Paulo. Metalivros. 1994

BOLE, Willi. **Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil**. São Paulo: Duas. Cidades; Ed. 34, 2004.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A Interiorização da Metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005.

KURY, Lorelai. "Viajantes e Naturalistas do Século XIX". In: PEREIRA, Paulo Roberto (Org). **Brasiliana da Biblioteca Nacional** – Guia de Fontes sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Nova Fronteira, 2001

LAHUERTA, Flora Medeiros. **Viajantes e a construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822)**. Scripta Nova (Barcelona), V. X, 2006.

LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1997.

OBERACKER, Carlos. "Viajantes, Naturalistas e Artistas Estrangeiros". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org). **História Geral da Civilização Brasileira**. T. II, V. 1. São Paulo: Difel, 1962.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: Edusc, 1999.

RAMIREZ, Ezekiel Stanley. **As relações entre a Áustria e o Brasil (1815-1889)**. São Pauli: CEN, 1968.